



## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

### **SIGN LANGUAGE, CULTURE AND IDENTITY: RECOGNITION OF THE DEAF DIFFERENCE**

Mara Lopes Figueira de RUZZA<sup>1</sup>

#### **Resumo**

A partir de uma perspectiva socioantropológica-epistemológica da Surdez, o tema abordado contempla o Surdo por seu viés ontológico, traz a questão da Educação Bilíngue como espaço de disputa de Poder e apresenta a representatividade Surda por meio de narrativas de Líderes Surdos. O presente Artigo tem como objetivo discutir como o reconhecimento da Diferença Surda, que valoriza os aspectos linguísticos e culturais do Sujeito Surdo e torna-se determinante na constituição da Identidade Surda. Partindo de uma pesquisa de abordagem qualitativa, foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas com Líderes Surdos que evidenciaram que a conscientização sobre as potencialidades de Ser Surdo perpassa pelo empoderamento do Sujeito. Tendo como referência uma Educação crítica libertadora que considera o Currículo como elemento fundamental no processo de Protagonismo Surdo, são apresentadas referências bibliográficas que embasam as ponderações e estudos realizados neste Artigo sobre o direito de Ser Surdo considerando a diversidade humana como condição de existência.

**Palavras-chave:** Diferença Surda; Comunidade Surda; Ser Surdo; Identidade Surda; Currículo.

#### **Abstract**

From a socio-anthropological-epistemological perspective of Deafness, the topic addressed contemplates the Deaf through its ontological bias, brings the issue of Bilingual Education as a space for dispute of Power and presents Deaf representation through narratives of Deaf Leaders. This Article aims to discuss how the recognition of the Deaf Difference, which values the linguistic and cultural aspects of the Deaf Subject, becomes decisive in the constitution of the Deaf Identity. Based on a qualitative approach, bibliographic research and interviews with Deaf Leaders were carried out, which showed that the awareness of the potential of DeafHood permeates the empowerment of the Subject. Having as a reference a liberating critical education that considers the Curriculum as a fundamental element in the Deaf Protagonism process, bibliographic references are presented that support the considerations and studies carried out in this Article on the right of DeafHood considering human diversity as a condition of existence.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Supervisora Escolar na Diretoria Regional de Educação Freguesia/Brasilândia da Prefeitura Municipal de São Paulo. E-mail: [mara.ruzza@hotmail.com](mailto:mara.ruzza@hotmail.com) – ORCIDID: <https://orcid.org/0000-0001-9829-522X>.

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

**Palavras-chave:** Deaf Difference; Deaf Community; DeafHood; Deaf Identity; Curriculum.

### **Resumo em Libras**



### **INTRODUÇÃO**

A constituição do Sujeito está submetida aos aspectos históricos e políticos que estruturam a sociedade, determinando também suas concepções, escolhas e interesses, sempre construídos em um determinado tempo e espaço.

De certa forma, são formados eixos estruturantes de uma engrenagem social, a qual somos submetidos ao longo de nossas vidas. Para maior parte da população, a opção de ser peça do sistema é mais oportunizada do que a possibilidade de romper com suas estruturas. Porém, é o encontro das diversidades cotidianas que permite construções de coletivos que identificam a necessidade de reagir ao sistema.

Os desenhos que vão se delimitando pelas disputas de Poder, determinam padrões sociais, seja na questão racial, de gênero, de classe, de estética, dentre outras. Os processos de discussão para mudanças desses padrões, necessariamente, envolvem a existência conectada a resistência.

Os padrões se traduzem em paradigmas que se tornam normas que pautam a organização da sociedade em diversos âmbitos, assim como as experiências dos Sujeitos. As normas são impostas pelas estruturas de Poder estabelecidas nas hierarquias criadas historicamente e por não serem construídas coletivamente, desconsideram a diversidade humana.

Neste sentido, os padrões acabam definindo quais são as línguas, culturas e conhecimentos validados e considerados passíveis de reconhecimento e respeito. Por consequência, criam-se estratégias de controle dos Sujeitos que fazem com que se estabeleçam grupos oprimidos e negligenciados por não atenderem aos requisitos de normatização.

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

Para modificar qualquer tipo de padrão estabelecido, projetam-se movimentos de luta que podem acontecer de diversas maneiras, conforme identificamos em registros históricos. Em muitos dos casos, é pela existência que se potencializa a resistência, considerando que o estar sendo Sujeito define a apropriação dos espaços de direito na sociedade.

Este Artigo visa discutir conceitos que percorrem a constituição do Sujeito Surdo, considerando o Currículo como tempo e espaço de reconhecimento da Diferença. Considerando meu privilégio de pessoa não-Surda (ouvinte), faz-se relevante explicitar posicionamentos político-acadêmicos em nome da intelectualidade orgânica (GRAMSCI *apud* SEMERARO, 2006).

Para isso, a estrutura foi organizada em capítulos que apresentam argumentações sobre o Sujeito Surdo, Cultura, Identidade, Educação Bilíngue, Currículo e Representatividade Surda.

### **CAPÍTULO 1 - A constituição do Sujeito Surdo**

Constituir-se Sujeito pressupõe uma dialética entre o subjetivo e o objetivo, entre o eu e o Outro, entre o individual e o coletivo. Nesse processo, busca-se identificar “quem sou eu” e toda diversidade humana existente.

Desde a primeira infância, o contexto familiar, linguístico, cultural e social vai estruturando a forma de pensamento, as normas de convivência e a maneira de Ser. Em um segundo momento, é na escola que se dão as estruturações por meio das interações e relações.

O Sujeito Surdo, em geral, filho de familiares não-Surdos tem uma barreira inicial de identificação no campo da comunicação, tendo em conta que a Língua utilizada pelas famílias é oral-auditiva, que não faz sentido para o bebê Surdo.

A maneira de lidar com o nascimento de um filho Surdo está diretamente ligada a descoberta da Surdez e a concepção do profissional que fará a notificação do laudo. De acordo com Skliar (1998, p. 10), existem dois modelos de Surdez:

Modelo clínico seja entendido como o disciplinamento do comportamento e do corpo para produzir surdos aceitáveis para a sociedade dos ouvintes; [...] Modelo antropológico descreva a surdez em termos contrários às noções de patologia e de deficiência.

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

O caminho até que o Sujeito Surdo compreenda qual desses modelos define melhor seus desejos e condições – portanto, sua Identidade – tem os mais variáveis tempos e formas de se desenvolver. Porém, independente da temporalidade de contato com oportunidades de ampliação do seu conhecimento sobre o mundo e sobre o Ser Sujeito, a Identidade será constituída.

É perceptível em diversas narrativas de Surdos integrantes da Comunidade Surda que a descoberta da Língua de Sinais, mesmo que depois de adulto, torna-se uma forma de identificação com um elemento fundante de sua constituição.

Línguas de Sinais são línguas que são utilizadas pelas comunidades surdas. As Línguas de Sinais apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela Linguística. As Línguas de Sinais são viso-espaciais captando as experiências visuais das pessoas surdas. (QUADROS, 2004, p. 8)

Por sua modalidade, a Língua de Sinais possibilita um conforto para que os Surdos utilizem o canal visual em substituição ao auditivo para comunicação e participação do mundo. O esforço para acompanhar as experiências auditivas, as oralidades e as informações sonoras é transposto pela visualidade, expressões, gestos e corporeidade.

Pela perspectiva socioantropológica-epistemológica da Surdez, podemos considerar a Língua como base do pensamento, da Cultura e do Ser. Segundo Perlin e Miranda (2003, p. 218):

Ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão (em substituição total da audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.

Sendo assim, viver é descobrir como Ser Surdo (LADD, 1998). Tanto quanto qualquer outro Sujeito inserido na sociedade, é preciso revisitar a todo momento suas bases constituintes, alinhando suas escolhas e percepções sobre formas de estar no mundo. “O reconhecimento de incompletudes mútuas é condição *sine qua non* de um diálogo intercultural” (SANTOS, 2010, p. 450).

Voltamos a dualidade eu-Outro que nos mobiliza a compreender quem somos, estando inseridos em um contexto cultural que nos permite reafirmar a forma de estar

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

no mundo. De acordo com Carspecken (2011, p. 403), “a cultura é também o meio pelo qual as sociedades armazenam conhecimento e crenças em documentos e transmitem os resultados de processos de aprendizagem historicamente desenvolvidos para a próxima geração”.

Na Comunidade Surda, lugar de convivência e constituição de Identidades Surdas, a Cultura está viva, fazendo sua função de armazenamento e transmissão de conhecimentos específicos vinculados a Língua de Sinais em sua modalidade visual-espacial.

Os Parâmetros da Língua Brasileira de Sinais (PEREIRA, 2011) são aspectos que formam a Língua, sendo eles: Configuração de Mão, Localização, Movimento, Orientação de Mãos e Trações Não-Manuais. A Cultura Surda contém esses Parâmetros no sentido que valida a forma corporal que o Surdo atua no mundo do qual faz parte e, obrigatoriamente, a interculturalidade que se dá pela existência de Surdos e não-Surdos.

Neste sentido, Ser Surdo é ser humano, com várias Identidades, em processo de descoberta e de constituição.

### **CAPÍTULO 2 - Identidade de Pertença e Identidade de Projeto**

Entre o estar sendo e o Ser decorre um percurso interessante na descoberta da Identidade que deve ser investigado considerando o aspecto ontológico da natureza humana.

Nascemos em um determinado grupo e ele torna-se parte de nossa vida, marcando nossa trajetória, seja pela cor da pele, pela língua falada ou por outras características. Desde que passamos a existir, iniciamos um processo de estar sendo, em busca de compreender de onde viemos, em qual tempo e espaço estamos situados, como vivemos, quais são nossos pares e como se organizam os contextos em que estamos inseridos.

Neste processo, tendemos a aprender a Língua, rituais, valores e costumes junto àqueles que vamos interagindo. Pertencemos àquele tempo e espaço, sem ter escolhido ou desejado e, por um determinado período, continuaremos somente sendo parte desse círculo. Enquanto permanecemos nesse grupo social, seguimos nos identificando com a forma de existência a qual fomos submetidos.

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

A partir do momento que temos a oportunidade de convivência com outros indivíduos, em geral no segundo grupo que acessamos – a escola, conhecemos outras formas de existência, favorecendo nossa compreensão sobre a diversidade humana. Conhecemos novos costumes, religiões, Línguas, tipos de pele, de cabelo, de rosto, de gente e somos forçados a rebentar com o egocentrismo que nos tomava por Sujeitos.

Partindo do registro de Hall (2014, p. 62), “a etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhadas por um povo” e, por isso, todos somos pertencentes a uma etnia que nunca deixará de ser base fundante do Sujeito, independente das mudanças e descobertas que faça ao longo da vida.

Bauman (2005, p. 12) traz um conceito sobre “comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfries Kracauer) ‘vivem juntos numa ligação absoluta’, e outras que são ‘fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios” que nos remete a compreensão de que o estar sendo e o Ser podem manifestar-se em comunidades diferentes, sabendo que ambas poderão ser parte comum de um mesmo indivíduo e de sua formação enquanto Sujeito.

No Dicionário *Oxford Languages and Google*<sup>1</sup>, o significado de pertencer é: ser propriedade de; fazer parte de; ser parte do domínio de. Já o de projetar é: atirar(-se) à distância; arremessar(-se), lançar(-se); estender-se para fora; formar saliência. Aproximando o conceito do campo identitário, entendemos que todo e qualquer indivíduo pertence a um grupo/povo e que, alguns deles, ao longo da vida poderão projetar-se neste mesmo grupo ou em outros.

Enquanto Sujeito que poderá constituir-se com várias Identidades ao longo da vida, por meio das experiências acessadas e das memórias e vivências que ficarão marcadas, apresentamos o conceito de Identidade de Pertença e Identidade de Projeto. De acordo com Ruzza (2020, p.34-5):

A Identidade de Pertença se refere à identificação de uma pessoa cujo fenótipo, nascimento ou por sua condição de existência, faz com que seja reconhecida como pertencente a um povo, em consequência da similaridade de traços da sua corporeidade com um certo conjunto de traços comuns que dão contorno identitário de reconhecimento sensorial deste mesmo povo. [...] Quanto a Identidade de Projeto se refere à identificação de uma pessoa que não é reconhecida como pertencente a um determinado grupo por causa desses seus aspectos naturais, mas porque ela projeta-se naquele grupo, por

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

ter desejado fazer parte daquele coletivo, por identificar-se com a causa social, cultural ou política daquele coletivo.

Neste sentido, ratificamos a relevância da família, da sociedade e da escola na constituição da Identidade dos Sujeitos articulada a processos de autonomia, empoderamento e conscientização que vão sendo parte da vida de todos nós.

Os Surdos apresentam uma fácil organização de analogia ao conceito de Identidade de Pertença e de Projeto. O Povo Surdo é um “grupo e sujeitos surdos que usam a mesma língua, que têm costumes, história, tradições comuns e interesses semelhantes” (STROBEL, 2008, p. 31) e a Comunidade Surda configura-se como:

Um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma Comunidade Surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da Comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar. (PADDEN E HUMPHRIES *apud* STROBEL, 2008, p. 30)

Sendo assim, a Identidade de Pertença do Sujeito Surdo está vinculada ao Povo Surdo, do qual faz parte por ter nascido Surdo e a Identidade de Projeto poderá ser desenvolvida por meio da apropriação de Ser Surdo, tendo a Diferença Surda – linguística, cultural e epistemológica – como uma potencialidade humana, compondo assim Comunidade Surda.

Essa identificação entre a Pertença e o Projeto, em relação ao Sujeito Surdo, passa pelos modelos clínicos e antropológicos da Surdez (SKLIAR, 1998) e, como não poderia ser diferente, dos padrões estabelecidos histórico e culturalmente pela sociedade.

As escolhas a que são submetidos, como o uso de aparelhos de amplificação sonora, implante coclear, treinamento orofacial, aprendizado de Língua de Sinais, dentre outras, interferem diretamente no olhar sobre o próprio indivíduo, colocando uma urgência por encontro de seus pares para que consiga compreender o que irá favorecer seu desenvolvimento enquanto Sujeito da Diferença.

É preciso constituir uma Identidade de aproximação do que é ser não-Surdo? É possível assumir o lugar de Ser Surdo rompendo com os estigmas e normatizações impostos? Quais Identidades me farão conscientes de quem realmente sou em detrimento do que a sociedade espera que eu seja? Verificamos essa complexidade

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

da constituição da Identidade do Sujeito Surdo na afirmação de uma autora Surda quando escreve que:

Ao focalizar a representação da identidade surda em estudos culturais, tenho de me afastar do conceito de corpo danificado (remete a questões de necessidade de normalização, o que significa trabalhar o sujeito surdo do ponto de vista do sujeito normal ouvinte) para chegar a uma representação da alteridade cultural que simplesmente vai indicar a identidade surda. (PERLIN *apud* SKLIAR, 1998, p. 53)

Assim posto, reafirmamos a importância da Diferença ser concebida pela perspectiva da positividade buscando estabelecer uma sociedade – leia-se Currículo – que valorize a Língua de Sinais, a Cultura Surda, a Epistemologia Surda e as Identidades Surdas enquanto reafirmação da dignidade em poder constituir-se Sujeito empoderado de suas potencialidades humanas, sendo composto por diversas Identidades, inclusive a de Pertença e de Projeto.

### **CAPÍTULO 3 - O Currículo e a valorização da Diferença**

A escola como o segundo grupo social de convivência humana tem funções determinantes no desenvolvimento do Sujeito e na constituição de suas Identidades. O eu e o Outro ocupando o mesmo espaço, em interação, permite o contato com a diversidade humana e o enriquecimento de vivências de todos os envolvidos.

As crianças ampliam seu repertório e suas experiências de vida, enquanto os adultos revisitam suas concepções. De acordo com Sacristán (1999, p. 180):

A tolerância e o respeito diante daquilo que é diferente é aceitável para aproximar-se da diversidade. Diante da diversidade evidente da multiculturalidade entre grupos e diante da variabilidade individual interna em cada um deles, a educação como um todo, e não só por meio de escolas, deve fomentar a atitude de tolerância e de abertura para com o outro.

Nesta perspectiva, o Currículo deve contemplar a individualidade e a coletividade posta no contexto educacional. Mais do que tolerar, é preciso criar uma formação que respeite e valorize as Diferenças.

O padrão social que normatiza os conhecimentos válidos que devem – ou não – ser disseminados, são referendados na construção dos Currículos, o que nos faz questionar quem são os profissionais envolvidos na organização desse documento que traduz e determina o funcionamento de uma escola.

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

Sabemos que além da existência de legislações deliberativas e de documentos institucionais que balizam o trabalho de uma escola, o Currículo define concepções e perspectivas adotadas pela instituição e, por consequência, por todos aqueles que fazem parte daquele ambiente.

Concebemos o Currículo como toda teoria, decisão e ação encaminhada dentro da escola. As relações, os projetos, os planejamentos, as metodologias, as hierarquias e outros tantos itens que podem ser citados são Currículo.

Todos os aspectos que compõe a elaboração de um Currículo devem ser intencionais, pois tratam de concepção, de posicionamento e de visões de mundo. Assim, não existe nenhum Currículo neutro, considerando que sua construção ocorre em um determinado contexto político-histórico e é feita por Sujeitos.

As escolhas contidas no Currículo podem determinar a manutenção dos padrões e *status quo* da sociedade ou propor rompimentos e mudanças nas estruturas da engrenagem estabelecida.

Um Currículo que visa efetivar uma Educação crítica libertadora considera os indivíduos em todas suas capacidades, Igualdades e Diferenças. Para valorização da Diferença Surda enquanto potencialidade, é preciso considerar a Língua de Sinais e a Cultura Surda como eixos e trazer os próprios Surdos para desenhar o Currículo a partir do seu lugar de Ser Surdo.

Conforme afirma Apple (2011, p. 29), “a educação crítica é um projeto coletivo, um projeto que é absolutamente vital para construção e defesa de uma educação digna de seu nome”. Educação esta vinculada com o Currículo de sua escola, que traduzirá os conceitos em práticas cotidianas.

A Educação Bilíngue de Surdos é entendida legalmente como:

A modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas. (BRASIL, 2021)

É neste espaço que os Surdos podem desenvolver a consciência sobre as possibilidades que envolvem sua constituição identitária, ampliando seus olhares e conhecimentos sobre Línguas, Culturas, História, Ciência, Direitos, dentre outras

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

áreas. Dentre os formatos de oferta da Educação Bilíngue, defendemos a Escola Bilíngue de Surdos enquanto propulsora de apropriação da Identidade de Pertença e constituição da Identidade de Projeto.

Tornar-se autor de sua própria história de vida, sabendo como e onde agir enquanto cidadão para tornar o mundo melhor e mais justo, envolve desde muito cedo na vida escolar ter seu direito de participação garantido, podendo tecer considerações no Currículo, no Projeto Político-Pedagógico, no cotidiano escolar.

Comprometer-se com uma educação crítica libertadora obriga a investigar em que medida os objetivos, os conteúdos, os materiais curriculares, as metodologias didáticas e os modelos de organização escolar respeitam as necessidades dos distintos grupos sociais que convivem em cada sociedade. (TORRES SANTOMÉ, 2013, p. 9)

E a Educação crítica libertadora pressupõe respeitar a diversidade humana, respeitando as Diferenças e buscando equidade para que cada um possa se desenvolver em seu ritmo. A constituição de Identidades, no espaço escolar, prevê o reconhecimento da existência de cada aluno, entendendo que as partes formam o todo e o todo torna-se uma grande parte dentro de um complexo maior – o mundo.

O aluno Surdo existe pela sua marcação de corporeidade, visualidade e expressividade que se fundem com a Língua de Sinais. Pela ocupação do espaço, inclusive de forma literal por meio do corpo, torna-se um Sujeito de Resistência, relembrando a todo tempo sobre seu direito de estar presente no mundo, atuando nele. Segundo Ponce (2016, p. 1145):

O que pode qualificar o tempo da escola – seja ele parcial ou integral – é não perder de vista que o seu objetivo é contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, preservando o direito a aprendizagem de todos com vistas à igualdade social.

Igualdade social esta que só pode ser garantida quando o lema manifestado continuamente pela Comunidade Surda, “Nada sobre nós Surdos, sem nós Surdos” for viabilizado. É na participação nas diferentes instâncias, durante sua formação enquanto Sujeito, que o Surdo vai se empoderando, conscientizando e efetivando o Protagonismo Surdo (RUZZA, 2020) na escola, na sociedade, na política. Conforme manifesto das duas autoras Surdas Campello e Rezende (2014, p. 78):

Nós, os surdos, não queremos ser tutelados, queremos o exercício da liberdade pela forma e escolha linguística e cultural condizente com o nosso modo de viver e experienciar, de sermos surdos, diferente dos ouvintes.

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

Somente nós, surdos, que sabemos o que é melhor para nós, da forma como precisamos ser educados, da forma como precisamos aprender, que é pela instrução direta em nossa língua de sinais, língua soberana da comunidade surda, que ajuda na formação da “Identidade Linguística da Comunidade Surda”, como garante e expressa a Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2009).

Como fica claro, em nenhum campo, os Surdos precisam de representantes não-Surdos, sendo fundamental, portanto, que seja garantido que ocupem seus lugares de expressão, podendo exercer seu Poder de decisão sobre suas próprias escolhas de vidas e rumos da Comunidade Surda. O direito de Ser Sujeito Surdo, vivenciando sua Autoria Surda (RUZZA, 2020), pressupõe revelar ao mundo suas Identidades e, à vista disso, suas Diferenças enquanto existência-resistência.

### **CAPÍTULO 4 - Representatividade Surda pela Liderança**

Se a construção da lógica deste Artigo envolve a valorização do Sujeito Surdo e de toda sua capacidade de atuação na luta por uma sociedade mais justa que respeite cada Sujeito em suas especificidades, faz-se coerente apresentar narrativas de Sujeitos Surdos enquanto atores da história da Comunidade Surda.

Partindo de entrevistas realizadas com Líderes Surdos, na Tese de Doutorado denominada “Protagonismo Surdo: Currículo como construção da Autoria” (RUZZA, 2020), entendemos relevante explicitar a importância de narrativas de Sujeitos Surdos que apresentam Identidade de Pertença e de Projeto em defesa de pautas que permitam ao Surdo Ser com toda integralidade que lhe é direito garantido.

A pesquisa realizada teve como escolha a abordagem qualitativa com o objetivo de valorizar a Diferença Surda, buscando reconhecer o enriquecimento que as narrativas Surdas podem trazer ao campo acadêmico e social. Segundo Chizzotti (2014, p. 26), as pesquisas qualitativas “não têm um padrão único porque admitem que a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador – sua concepção, seus valores, seus objetivos”. Neste caso, eu sendo uma pesquisadora não-Surda, com uma Identidade de Projeto na Comunidade Surda, que propõe a efetivação do Protagonismo Surdo por meio da proposição do tema nos campos acadêmico, político, social e educacional.

O reconhecimento da Comunidade Surda como uma realidade de formação cidadã, movimento de luta e favorecimento da constituição de Identidade de Projeto,

## Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda

incentiva a valorização da Cultura Surda, validando uma forma de existir que cria um processo dialético entre o Sujeito Surdo e a Comunidade Surda. De acordo com Casali (2007, p.77):

Por ser processo social, o *êthos* implica normas, regras, distribuições, ordenamentos, funções, papéis, responsabilidades distintas, distintos direitos e deveres. Em outras palavras, implica formas prescritas de *conduta*. São acordos coletivos que vão sendo construídos mais ou menos consensualmente ou por imposição dos mais poderosos.

Vale a reflexão sobre como se dá o *êthos* na Comunidade Surda, que como uma representação menor da organização social, também é permeada por disputas de Poder. Quais são os mais poderosos? São eles Surdos ou não-Surdos? O que determina quem impõe e quem se submete? Como se identificam as opressões e o empoderamento?

Neste sentido, destaca-se a importância de identificar Líderes Surdos e compreender como estes percebem seu papel na Comunidade Surda.

Dos catorze Líderes Surdos<sup>II</sup> entrevistados, escolhidos pela pesquisadora a partir do destaque percebido nos encontros e movimentos da Comunidade Surda, nove reconheceram-se como Líderes e cinco compreenderam seu papel de atuação, apesar de não se denominarem como Líderes, conforme é possível verificar nas justificativas do Quadro 38 (RUZZA, 2020, p. 183):

**Quadro 1 – Líderes Surdos X Reconhecimento como Líder**

Identificação	Trecho da Entrevista
<p><b>Ana Lucia Dias</b></p>	<p>Me considero uma líder da comunidade surda, aqui de santos particularmente, onde resido e que tem a associação como o único espaço representativo da comunidade surda: ponto de encontro e de interação. Meu pai fundou a associação aqui de minha cidade, eu sempre frequentei a associação assumindo hoje esse papel de líder.</p>
<p><b>Carilissa Dall'Alba</b></p>	<p>Me considero líder da comunidade surda, pois sou muito procurada por eles para que eu os ajude, os aconselhe. Tenho acesso a língua portuguesa, pude estudar e sou bem relacionada com muitas autoridades e dessa forma sinto a necessidade de me colocar nesse papel para ajudar os demais surdos que não tiveram as mesmas oportunidades que eu tive. Gosto muito de poder estar nos movimentos surdos. Me considero mais ativista porque eu sempre estou atuando nos diversos assuntos que se associam ao movimento surdo e pela qualidade de vida do sujeito surdo. São vários os movimentos sociais que participo: surdo, feminista, LGBTTQI+ e entre outros. Há quinze anos estou à frente da campanha nacional que se chama "legenda para quem não ouve, mas se emociona",</p>

## Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda

	<p>campanha essa que culminou na obrigatoriedade de legendas em filmes nacionais e desenhos animados em duas cidades. Ser líder hoje em dia é fácil devido à forte polarização que a última eleição presidencial resultou. Tanto surdos quanto ouvintes me veem como líder e sou referenciada assim. Infelizmente o ativismo e militância do movimento surdo nos dias atuais carece de dianteira. Temos nas pessoas ouvintes aliados, que ao entenderem que as escolas de surdos são nosso berço linguístico, onde adquirimos língua e nos vemos com nossos pares, favorecendo o processo de construção de nossa identidade. Temos associações de surdos que também são espaços para onde trabalhamos o exercício de nossa cidadania, assumindo a lacuna causada pelas suas famílias, que raramente aprendem Libras para se comunicar com seus filhos - diferente da minha família.</p>
<b>Claudia Hayakawa</b>	<p>Já fui líder de jovens surdos. Viajava pelo Brasil levando informações, palestrando, aconselhando, trabalhando questões de auto estima desses jovens. Isso durante dez anos. Atualmente não me considero mais líder. Continuo fazendo esse tipo de serviço de utilidade nas redes sociais, mas apenas isso.</p>
<b>Diana Kyosen</b>	<p>Os líderes são importantes porque são eles quem tomam a frente em esferas como educação, saúde e esportes. Eu sou uma líder desta última, sou presidenta da federação esportiva dos surdos mineiros. É a entidade com mais filiados, dezenove deles, a maior do Brasil, conta com mais de seiscentos atletas surdos. São os líderes que se apresentam como modelos exemplares fortalecendo a comunidade surda, auxiliando as crianças surdas a desenvolverem suas potencialidades.</p>
<b>Igor Rocha</b>	<p>A importância dos líderes surdos é mostrada com a minha própria história: as crianças surdas hoje não precisam e não sofrem como aconteceu comigo. As oportunidades a elas apresentadas, as conquistas que tivemos na esfera educacional, se devem a esses líderes. Ainda há muitas lacunas a serem preenchidas inclusive na área da educação de surdos, mesmo com os avanços. Esses líderes assumem esses déficits sendo grandes mediadores entre a nossa comunidade e as pessoas ouvintes para que possamos nos aliar e termos mais força na luta por direitos. Eu enquanto palhaço, trabalhando com arte, trabalho essas pautas do movimento surdo com humor.</p>
<b>José Luiz Dias</b>	<p>Me senti como líder porque a associação era como extensão de minha casa. Era lá onde incentivava os surdos a resolverem seus problemas, a dialogarem mais, com aconselhamento familiar. Hoje, aposentado, deleguei a liderança da associação pra minha filha Ana Lúcia.</p>
<b>Leandro Miguel</b>	<p>Eu não me considero um líder, tem muita coisa que é de função e atribuição de um líder que eu não desempenho. Ao surgirem questões relativas ao que o movimento pauta existem na comunidade pessoas que se levantam e se posicionam tomando a frente na reivindicação desses direitos que nos parecem prestes a serem perdidos. Protestos são feitos e eu não participo. Me encontro atualmente como presidente da associação de surdos de São Paulo (ASSP), ali eu sou líder de uma equipe, mas não sei se isso é refletido pra toda comunidade. Tenho um grande caminho ainda a trilhar. Eu até posso ser visto por outros como líder, mas não é a forma como eu me sinto.</p>
<b>Neivaldo Zovico</b>	<p>Me considero um líder na comunidade surda sim, por assumir esse papel informativo, orientacional e pela minha trajetória desde cedo como líder</p>

## Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda

	estudantil. Até hoje atuo como diretor regional da feneis-sp, oferecendo serviços, inclusive jurídicos à comunidade. Fazemos um grande trabalho de difusão de nosso idioma, trabalhando fortemente com as questões de acessibilidade para nós surdos. Faço um forte trabalho ao lado do poder público na formulação de políticas que nos assegurem direitos constitucionais. Tais líderes são primordiais na tomada da dianteira de pautas relativas à nossa comunidade. Não sou o único líder, trabalho em consonância com vários outros que também atuam na linha de frente pela luta de direitos.
<b>Paulo Vieira</b>	Sim. Eu me considero um líder surdo. Já fui presidente da associação de surdos de são paulo, durante três mandatos. Também trabalhei na feneis-sp durante um ano e sempre estive empenhado. Em busca de direitos da comunidade surda.
<b>Ricardo Nakasato</b>	Eu me sinto mais como alguém que dá suporte aos líderes, mantendo contato com para esclarecer dúvidas e servir de apoio, do que me vendo como tal.
<b>Sandro Pereira</b>	Os surdos de mais idade é quem sempre assumiram as questões de liderança na comunidade. Eles trabalharam por muito tempo em prol de nossos direitos. Foram eles que instruíram os mais jovens deixando um legado a ser seguido, formando essas novas lideranças para tomarem a frente da comunidade. Eu não me considerava um líder até isso me ser despertado pelo movimento surdo e por presenciar as necessidades que meus iguais apresentam e as barreiras que nos são postas cotidianamente. Eu tive um grande parceiro, joel barbosa, que infelizmente não está mais entre nós, trazendo a minha atenção os direitos que me eram negados e como poderíamos nos organizar para lutarmos pela garantia dos mesmos.
<b>Sylvia Lia</b>	Eu me considero militante em prol das causas surdas. Cansada de tanta opressão eu luto pelos meus direitos e tento fazer com que outros surdos se atentem para o mesmo. Mas não me vejo como líder. Me vejo estando em pé de igualdade com a minha comunidade em um esforço conjunto para seguirmos adiante. Me vejo trabalhando no coletivo.
<b>Valdo Nóbrega</b>	Não saberia dizer se posso ser considerado como um líder da comunidade surda, mas recebo vários comentários e mensagens em que sou considerado uma figura pública para a comunidade.
<b>Vanessa Vidal</b>	Me identifico como uma líder da comunidade surda a representando nos mais diferentes espaços. Sou uma líder educacional em meu trabalho e sou diretora regional da feneis-ce. Participei do concurso de miss brasil, representando o Ceará mas também a comunidade surda de todo país e também em concursos internacionais, trazendo visibilidade a nossa causa. Além do trabalho informativo que tenho em minhas redes sociais, reconhecida como tal não só para os próprios surdos, mas também para as pessoas ouvintes.

Fonte: Autora, 2020

Enquanto representantes dos anseios da Comunidade Surda, são os Líderes que fortalecem as lutas nas mais diversas áreas, assumindo suas Diferenças linguísticas e culturais como marcas positivas do Ser Surdo – Diferença Surda.

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

A Representatividade Surda é fundamental para constituição identitária e análise do indivíduo sobre o eu e o Outro. Surdos que se expressam na defesa da Comunidade Surda, servem de inspiração para outros Surdos e incentivam a apropriação do processo de Ser Surdo. Os Líderes Surdos representam a resistência e o direito de existir, de forma digna, sendo Sujeito Surdo.

### **CONCLUSÃO**

O compartilhamento de estudos, pesquisas e reflexões sobre a Diferença Surda visa contribuir com a discussão acadêmica, social e política sobre a garantia de direitos humanos, exigindo do pesquisador um posicionamento que explicita suas concepções, fundamentando-as nos conhecimentos científicos.

A validação do tema por referenciais teóricos consistentes, torna-se mais relevante por conter autoria de pesquisadores Surdos. Coerente com a forma que se apresenta este Artigo, buscamos dar destaque a todo tempo ao Protagonismo Surdo, consciente do lugar de não-Surda que ocupo.

Com o objetivo de discutir como o reconhecimento da Diferença Surda, que valoriza os aspectos linguísticos e culturais do Sujeito Surdo, torna-se determinante na constituição da Identidade Surda, foram estruturadas argumentações pautas nos conceitos de Diferença Surda, Comunidade Surda, Ser Surdo, Identidade Surda e Currículo.

Partindo da concepção socioantropológica-epistemológica da Surdez, foram apresentadas ponderações acerca da constituição do Sujeito Surdo, da Identidade Surda, do Currículo e da Representatividade Surda. Iniciando pela estruturação dos aspectos que perpassam pelo conceito de Ser Surdo, a Língua de Sinais e a Cultura Surda foram abordadas enquanto marcadores de visualidade e corporeidade dos Sujeitos Surdos, sendo, portanto, eixos fundantes da Diferença Surda.

Todo indivíduo tem uma subjetividade que não pode ser compartilhada, sendo o coletivo o contraponto para o contato com a diversidade que emerge da convivência com o Outro. No coletivo, a Igualdade e a Diferença se aproximam e se afastam a todo tempo, pois tratam de conceitos balizadores da sociedade e do próprio Sujeito.

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

A Diferença Surda, por sua vez, reforça a ideia do olhar para o Sujeito Surdo por suas potencialidades, validando os aspectos linguísticos, culturais e epistemológicos da Comunidade Surda pelo viés da positividade.

A Comunidade Surda, coletivo de experiência do Ser Surdo, favorece a formação da Identidade Surda, relacionada aqui com a Identidade de Pertença e de Projeto.

A Identidade de Pertença diz respeito aquela constituída pelo fato de o indivíduo ter nascido ou pertencer a um lugar, povo, etnia determinado, sem nenhuma forma de escolha. A Identidade de Projeto, essa sim partindo dos anseios do Sujeito, significa aquela em que a causa ou luta faz sentido para que haja uma identificação e, por consequência, um projeto do Sujeito em ser e estar naquele lugar, grupo ou movimento.

Entendemos que o Currículo, como tempo e espaço democrático, favorece uma formação crítica libertadora, trazendo um processo de conscientização e empoderamento, quando envolve participação ativa do Sujeito Surdo em sua construção. Torna-se elemento fundamental para o Protagonismo Surdo, quando pensamos em Escola Bilíngue de Surdos, no sentido que é no encontro entre os pares que a Diferença se fortalece.

Neste sentido, a visibilidade dada a narrativas de Líderes Surdos, apresentando a importante função que exercem enquanto representantes do Movimento Surdo, efetiva-se como modo de valorização dos Surdos enquanto autores e atores de sua própria história e também da história da humanidade.

A existência do Surdo é, por si só, uma forma de resistência. A necessidade de Representatividade Surda nas diferentes instâncias da sociedade demarca a urgência em garantir ao Sujeito Surdo o direito à cidadania e a plena participação enquanto pessoa humana.

### **REFERÊNCIAS**

APPLE, Michael W. **Educação crítica**: análise internacional. Tradução Vinícius Figueira; Revisão técnica Luís Armando Gandin. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

## **Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda**

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília: Presidência da República, 2021.

CAMPELLO, Ana Regina e REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Em defesa da escola bilíngue para surdos**: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. Educar em Revista. Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 71-92. Editora UFPR.

CARSPECKEN, Phil Francis. **Pesquisa Qualitativa Crítica**: conceitos básicos. Educação e Realidade, v 36, n 2, p. 395-424. Porto Alegre, maio-ago/2011.

CASALI, Alípio Márcio Dias. **Ética e Educação**: referências críticas. Revista de Educação PUC-Campinas, n 22, p. 75-88. Campinas, junho/2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guaira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LADD, Paddy. **In search of Deafhood**: towards an understanding of British Deaf Culture. 1998. PhD Thesis, Bristol University, UK, 1998.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha (org). **Libras**. 1ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PERLIN, Gladis e MIRANDA, Wilson. **Surdos**: o narrar e a política. Ponto de Vista. Florianópolis, n. 05, p. 217-226, 2003.

PONCE, Branca Jurema. **O Tempo no Mundo Contemporâneo**: o tempo escolar e a justiça curricular. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 41, p. 1141-1160, out-dez, 2016.

QUADROS, Ronice Muller. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasileira: MEC; SEESP, 2004.

RUZZA, Mara Lopes Figueira de. **Protagonismo Surdo**: Currículo como construção da Autoria. 2020. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova Cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção para um novo senso comum)

SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais “Orgânicos” em Tempos de Pós-Modernidade**. Caderno Cedes. Campinas, vol. 26, n. 70, p. 373-391, set-dez, 2006.

SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

## Língua de Sinais, Cultura e Identidade: o reconhecimento da Diferença Surda

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **Currículo Escolar e Justiça Social**: o cavalo de troia da educação. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

### NOTAS

- I. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 28 mai. 2022.
- II. A Caracterização dos Líderes Surdos podem ser verificadas no Esquema 4 em Ruzza (2020, p. 173). Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/23429/2/Mara%20Lopes%20Figueira%20de%20Ruzza.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2022.